

## **CRISTIANISMO E PRÁTICA DE LIBERTAÇÃO: Grupo de Mulheres da Comunidade Cristo Rei – Açudinho**

Antonio Thiago Gordiano Sampaio<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho analisa a experiência de organização de um grupo de mulheres numa comunidade eclesial de base numa paróquia do interior baiano marcada pela Teologia da Libertação, na década de 90. Parte de um breve histórico da construção do catolicismo na cidade de Conceição do Coité, interior da Bahia, com suas práticas devocionais, e os esforços para espalhar a presença católica por toda a extensão do território, fala da chegada de novos padres, que adeptos da Teologia da Libertação, modificam algumas práticas comuns à Igreja Católica na cidade. Destacamos também o trabalho de uma congregação religiosa feminina que se instala na cidade e, articuladas com os padres, propiciam a organização de um grupo de mulheres partindo de uma leitura popular da Bíblia, criam um grupo visando melhorar a renda das famílias da comunidade, com um trabalho artesanal. O trabalho deixa claro ainda a importância do trabalho destes religiosos e religiosas para a tomada de consciência política por parte de leigos e leigas engajados nas atividades pastorais no período e como isto reflete em sua prática social cotidiana.

**Palavras-Chave:** Catolicismo – Teologia da Libertação – Organização de Mulheres

A religião católica acompanhou o processo de conquista e expansão do território brasileiro, e não foi diferente no sertão da Bahia. Seguindo os tropeiros que inicialmente levavam o gado da região do São Francisco para a capital, o sertão da Bahia foi sendo lentamente povoado, marcado por pequenas povoações. Uma destas, era uma pequena fazenda, nas proximidades de um minadouro natural, cuja água servia para o gado e para o consumo humano, estamos falando da Fazenda Nova, nas proximidades do Tanque do Coité. Sendo o português um povo muito católico, era natural que um dos primeiros marcos da presença branca nas terras sertanejas fosse a construção de uma capela. Nesta Fazenda Nova, já em 1762, como afirma Vanilson Lopes é possível encontrar registro de óbito na capela da povoação local<sup>2</sup>.

A povoação começou a crescer, com a passagem de tropeiros pessoas foram se instalando nas proximidades do Tanque do Coité, e a dita Capela prosperou. Em 1855, Coité era um arraial próspero, passagem obrigatória dos tropeiros que rumavam para as feiras de gado e a Capela havia passado por reformas, tornando-se um belo templo de oração. Mostrando a força do dito arraial e a importância que a religião tinha para aquele povo, em nove de maio de 1855, por resolução nº539 do vice governador da Bahia, Álvaro Tibério de Moncorvo, a capela é elevada à condição de freguesia, conforme podemos encontrar no Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité: “Art. 1º - A Capela de Nossa

Senhora da Conceição do Coité, filial erecta em Freguesia de Nossa Senhora de Riachão do Jacuípe, fica erecta em Freguesia com a mesma invocação e Orago.”<sup>3</sup>

Com a criação da Freguesia e o desenvolvimento do arraial cresce a população, não só na sede do arraial, mas também em diversas localidades rurais. A Igreja continua sua atividade pastoral, desenvolvendo suas práticas religiosas, incentivando as devoções populares, e também visando a construção de capelas nas ditas localidades. A festa da Padroeira (08 de dezembro) sempre foi o momento mais forte no que diz respeito às práticas devocionais dos fiéis católicos, e desde sempre atraiu milhares de pessoas para a sede no município. Passados mais de cem anos da criação da Freguesia, encontramos nos arquivos paroquiais, relatos da Festa da Padroeira do ano de 1967, onde consta a relação de capelas que faziam parte da paróquia e que deveriam comparecer com os andores dos seus padroeiros, para a procissão solene que encerrava a Festa da Padroeira no dia 08 de dezembro. Portanto, neste ano de 1967, a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição contava com as seguintes capelas: Salgadália, Vila Carneiro (Goiabeira), Bandeassu, Joazeirinho, Aroeira, Lagôa do Meio, Almas, Ipueirinha, Santa Rosa, Santa Cruz, Vila São João e São Roque. É importante ressaltar que todas estas capelas estão situadas na zona rural, na sede da então cidade de Conceição do Coité não havia capelas, apenas a Igreja Matriz.

De modo geral, a década de 60 marca uma ruptura no seio da igreja. Ruptura entendida não como separação, mas como o nascimento de uma nova visão de Igreja, o acontecimento que marca o auge desta mudança de postura é o Concílio Vaticano II (1962-1965), de onde emanam novos ventos para a Igreja Católica no Mundo Como afirma Mainwaring (1985):

o Concílio enfatizou a missão social da Igreja, declarou a importância do laicato dentro da Igreja, motivou, por exemplo, maiores responsabilidades, corresponsabilidade entre o papa e os bispos, ou entre padres e leigos dentro da Igreja, desenvolveu a noção de Igreja como o povo de Deus, valorizou o diálogo ecumênico, modificou a liturgia de modo a torná-la mais acessível e introduziu uma série de outras modificações.<sup>4</sup>

Animados pelo Vaticano II, grupos mais progressistas ganham força no mundo católico, principalmente em locais longe do principal centro decisório. A América Latina, continente maciçamente católico, onde a Religião desempenha forte papel social é um destes lugares. O episcopado Latino americano, convocado pelo Papa Paulo VI reuniu-se na segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, no ano de 1968 na cidade colombiana de Medellín, afim de aplicar na América Latina as novas diretrizes e responder aos desafios que se colocavam agora para a Igreja.

Neste contexto ganha força no continente um movimento conhecido como Teologia da Libertação, que insere a Igreja em discussões de cunho social e coloca-se no contexto da defesa dos mais pobres. È justamente aqui que aparecem as CEB's que Boff configura como “uma outra forma de ser Igreja, assentada sobre o eixo da Palavra, da Caridade e do leigo<sup>5</sup>”. A Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, realizada em 1979 na cidade mexicana de Puebla reforça as Comunidades Eclesiais de Base ao afirmar que “as CEBs são a alegria e a esperança da Igreja... focos de evangelização e libertação<sup>6</sup>” e ao afirmar a opção preferencial pelos pobres, eixo central do documento gerado pela conferência.

As CEBs configuram-se enquanto comunidade por reunirem pessoas nos mais diversos ambientes que se propõem viver a fraternidade e a comunhão, assumindo assim o ideal de uma comum-idade. São eclesiais por estarem unidas pela Fé, e no caso das comunidades católicas, estarem unidas a Igreja enquanto instituição, mas não se pode perder de vista que “a Comunidade de Base é um módulo eclesial novo, uma nova modalidade de se manifestar o eclesial no meio popular<sup>7</sup>”, um novo jeito de ser Igreja. E, por fim, tem como elemento constituinte pessoas da base da sociedade, visto que a maioria dos membros da CEBs constituem-se por pessoas pobres e excluídas da sociedade e também, quando inseridas numa realidade institucionalizada de Igreja, ser a organização primeira, que forma a Base principal desta organização<sup>8</sup>.

Em Conceição do Coité, as décadas de 70 e 80 marcam a expansão da Fé pelo interior do município com a construção de diversas capelas na zona rural e o incentivo pastoral para uma vida comunitária nestas localidades, tudo isto inspirado pelo espírito de renovação que estava em marcha dentro da Igreja. Porém é no final da década de 80, mais precisamente em 30 de julho de 1989, quando chega a Coité o Pe. Luiz Rodrigues de Oliveira, que este espírito ganha novo fôlego. Com sua experiência em organização de movimentos sociais, leitor e adepto dos teólogos da Libertação, defrontando-se com a situação política local, altamente marcada por práticas coronelísticas e de submissão dos mais pobres ao interesse político de pequenos grupos, Pe. Luiz, como ele mesmo afirma resolve interferir nesta situação: “daí eu precisava fazer um trabalho voltado para a formação da consciência, na formação geral, na educação e princípios<sup>9</sup>”.

Pe. Luiz Rodrigues dinamiza de modo geral a Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, no âmbito pastoral, com um novo incentivo as comunidades eclesiais de base, às pastorais sociais, dando uma nova roupagem à Festa da Padroeira com temas voltados às questões sociais, grupos de formação de agentes de pastoral para atuar com as comunidades,

incentivar a vivência da temática da Campanha da Fraternidade a cada ano e fortalecer o papel do leigo dentro da Igreja dentre outras ações. No âmbito social, ele também mexeu nas feridas políticas locais, rompendo as relações da Igreja Católica com o poder político local e não deixando de denunciar casos de corrupção no município, o que lhe valeu grandes problemas. Entretanto, este não é o foco principal deste trabalho.

Diante de tantas mudanças perpetradas pelo Pe. Luiz Rodrigues em Conceição do Coité, para o presente trabalho vamos escolher um aspecto específico, a formação de um grupo de mulheres numa Comunidade Eclesial de Base da sede no município, no bairro do Açudinho. A Comunidade do Bairro do Açudinho, sob a invocação de Cristo Rei, nasce na década de 70 de acordo com os registros paroquiais, no esforço evangelizador dos padres que administravam a paróquia na época. Com o passar dos anos a comunidade cresce, e quando da chegada do Pe. Luiz a comunidade está no processo de construção de um novo templo, e seguindo a nova orientação pastoral os recursos para tal devem ser conseguidos com atividades próprias, não aceitando mais recursos do poder público municipal.

Algum tempo após a chegada do Pe. Luiz, chega à paróquia uma Congregação Religiosa Feminina, as Irmãs da Providência de GAP<sup>10</sup>, que em 20 de janeiro de 1995 escolhem morar no Bairro do Açudinho, então um dos bairros mais pobres e discriminados na sociedade coiteense, o que causa o espanto de muitos. Neste processo também insere-se a chegada de outro religioso Pe. Elias Cedraz, que assume o cargo de vigário nos anos de 1996 a 1998, e seguindo a mesma linha de pensamento do Pe. Luiz, colabora com as atividades que estavam sendo desenvolvidas na paróquia.

Morando no bairro as irmãs logo se integram na comunidade católica participando das celebrações da comunidade, dos momentos de oração promovidos pela mesma, promovem formações para os líderes dos grupos da comunidade. Porém chama a atenção que o envolvimento delas não se restringe às atividades religiosas; elas se integram também participando das reuniões da Associação dos Moradores do Açudinho (AMA), uma das irmãs, professora concursada do Estado da Bahia, pede sua transferência para o Colégio Estadual do bairro e lá desenvolve algumas atividades de integração escola-comunidade, fundam na comunidade a Pastoral da Criança para atender as crianças carentes do bairro dentre outras atividades.

Como marco desta experiência perpetrada pelas irmãs juntamente com a comunidade do Açudinho é a criação de um Grupo de Mulheres, sob a liderança de Ir. Marina Rosely, que nos conta como se deu o nascimento do grupo:

O grupo de mulheres nasceu do nosso estudo bíblico semanal. Reuníamos para estudar e refletir sobre a mulher na Bíblia. Iluminando a vida com a Palavra de Deus resolvemos nos encontrar também duas vezes por semana, à tarde, para um curso de pintura. Era mais uma oportunidade para conversas, partilha de vida, conscientização e também um alternativa de sobrevivência, pois os trabalhos manuais seriam vendidos.<sup>11</sup>

A irmã Marina faz questão de deixar claro, o apoio do Pe. Luiz Rodrigues à organização deste grupo de mulheres:

Assim houve continuidade do grupo. Pe. Luiz sempre apoiou nossas iniciativas e atividades. A nossa relação com Pe. Luiz sempre foi muito bonita, marcada pela simplicidade, amizade, parceria, confiança, apoio mútuo. Ele, uma pessoa politizada, consciente e cheia de Deus sempre dava forças para iniciativas em prol da organização e conscientização do povo.<sup>12</sup>

Partindo desta experiência, com o tempo elas resolvem se articular para ocupar o tempo e produzir renda, conforme afirma Maria Eliana, uma das mulheres que estavam a frente do pequeno grupo de mulheres que buscava transformar a vida da comunidade:

o grupo decidiu a fazer pinturas em panos de prato, porém só uma pessoa sabia pintar, e resolvemos fazer um curso para compartilhar os saberes já que outras sabiam costurar e fazer crochê, então cada uma das 12 mulheres trouxeram uma tinta, um pincel, um pedaço de pano e uma das companheiras emprestou uma sala que tinha disponível em sua casa, começamos o curso e a nos movimentar por melhorias.<sup>13</sup>

A irmã Marina nos fala ainda um pouco das dificuldades: “o grupo não era constante, sempre faltavam algumas, tanto à tarde como à noite. No início foi difícil ajudá-las a perceber a importância de estarem juntas para descobrir e enfrentar a realidade do dia a dia.<sup>14</sup>” Com a ajuda das Irmãs da Providência, conseguiram recursos com a CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviço) para financiar este projeto, mas nas palavras da mesma Maria Eliana:

porém, nós faltou a capacitação de como comercializar os nossos produtos de como gerenciar o grupo e a maioria das mulheres só queriam saber de produzir porque na produção elas ganharia alguma coisa, não queriam comercializar, por não ter tempo, coragem, ou vergonha e então o grupo foi enfraquecendo-se e paramos as atividades em conjunto.<sup>15</sup>

Com o enfraquecimento das atividades em conjunto que visavam uma economia solidária, depois de pouco mais de dois anos de caminhada, uma transformação ocorreu na prática do grupo, das mulheres que participavam do grupo, as mais ligadas à Igreja Católica fundaram um grupo de oração que até hoje atua na comunidade, com encontros semanais, e hoje com características da Renovação Carismática Católica. Um dos motivos para o enfraquecimento que sofreu o grupo pode ser atribuído à saída da comunidade religiosa da

Irmãs da Providência de GAP de Coité da Ir. Marina Rosely, que assumiu uma missão no Vale da Jequitinhonha-MG. Porém não podemos negar que as sementes foram plantadas e como ela mesma afirma: “colhemos alguns frutos muito bons: conscientização, perseverança de algumas, as reflexões bíblicas eram ligadas à realidade delas, o aprendizado da pintura foi aperfeiçoando e muitas vendiam seus trabalhos, a união do grupo<sup>16</sup>”.

Na primeira década do século XXI diversas mulheres que acompanhavam as atividades do grupo se destacaram na liderança da Associação dos Moradores do Bairro, outras se engajaram em movimentos sociais como o Sindicato de Trabalhadores Rurais, e algumas partindo da experiência de produção de artesanato adquirida no grupo, continuaram aprimorando suas atividades artesanais e hoje fazem disto uma possibilidade de aumento da renda familiar. A participação das pessoas comuns nas reuniões das CEBs proporcionava uma mudança de concepções e ajudava na tomada de consciência crítica da realidade que os cercava, prova disso é que muitos movimentos sociais foram frutos de articulações dos próprios membros das CEBs. Era vista clareando como afirma um dos cantos característicos das CEBs *de repente minha vista clareou, e descobri que o pobre tem valor*.

Para tal podemos conferir ainda fala da senhora Maria Eliana, hoje importante figura dentro do Movimento de Mulheres do Sindicato de Trabalhadores Rurais, onde ela deixa claro para ela, e para outros companheiros de luta a importância da Igreja Católica no processo de formação e conscientização:

As nossas formações sempre aconteciam ...em espaços cedidos pela Igreja Católica né!... a gente teve sempre esse apoio da Igreja Católica né! Essa participação mais conjunta, não era só participar por participar (...) a Igreja mostra assim a sua participação enquanto entidade religiosa e mostra, faz com que as pessoas envolvidas hoje, não to falando somente por mim, mas alguns depoimentos de colegas mulheres e homens (...) todo mundo ligado, ta no movimento hoje a partir de uma ligação com a Igreja Católica.<sup>17</sup>

É inegável que este trabalho das irmãs da Providência na Comunidade Cristo Rei, nobairro do Açudinho, e do Pe. Luiz Rodrigues na Paróquia de Coité estava embebido dos teólogos da libertação. Fruto deste trabalho foia tomada de consciência de muitos líderes de comunidades, de grupos, de leigos que estavam engajados nas atividades pastorais naquele momento. Além do caso das mulheres que analisamos acima, muitos membros da Igreja Católica engrossaram as fileiras do Partido dos Trabalhadores, que assume o papel de oposição ao grupo político que dominava o cenário político local por mais de três décadas. Alguns lançaram-se como candidatos a vereador, outros tornaram-se figuras conhecidas na cidade por sua análise crítica da sociedade, fortaleceram os movimentos sociais da cidade,

promoveram diversos debates nas Semanas da Cidadania e na organização do Grito dos Excluídos dentre várias outras atividades. Tudo isto permite dizer que de fato em Conceição do Coité os cristãos conseguiram de fato viver um dos ideais da Teologia da Libertação, unir Fé e Vida.

Fica claro, portanto que a Teologia da Libertação encontrou, na realidade política, social, e religiosa de Coité um terreno fértil e podemos afirmar como Libaneo, que esta corrente teológica em Coité:

desbloqueou os cristãos para o compromisso social radical em nome da fé, mostrando que o maior problema da Fé na América Latina não estava em questões dogmáticas, mas em como enfrentar à sua luz a situação de opressão, de exploração das grandes massas populares. Os cristãos podiam, portanto, engajar-se no processo de libertação, motivados e iluminados pela fé. Não precisavam temer nenhuma contradição fundamental entre ela e a luta libertadora dos pobres<sup>18</sup>.

---

<sup>1</sup>Graduado em História pela Universidade do Estado da Bahia, Campus XIV, Conceição do Coité – Bahia.

<sup>2</sup>OLIVEIRA, Vanilson Lopes de. **Conceição do Coité - A capital do Sisal**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia. 1993. p. 7.

<sup>3</sup> Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, p. 03

<sup>4</sup>Mainwaring (1985) *apud* NOGUEIRA, Alex de Oliveira: **Igreja católica e os ideais de romanização: uma reflexão das posições de frei Carlos Maria, diante do quadro religioso e político-social da paróquia de tomazina, entre os anos de 1970 a 1979.** Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st11/Nogueira,%20Alex%20de%20Oliveira.pdf>

<sup>5</sup> BOFF, Leonardo. **Eclogiôgênese: a reinvençãõ da Igreja**. Rio de Janeiro: Record, 2008. P. 23

<sup>6</sup> Documento de Puebla *apud* BOFF, Leonardo. **Eclogiôgênese: a reinvençãõ da Igreja**. Rio de Janeiro: Record, 2008. P. 25

<sup>7</sup> PALEARI, Giorgio. **Religiões do Povo**. São Paulo: Ave Maria, 1990. P. 74

<sup>8</sup> CNBB – Regional Nordeste 3. **Comunidades Eclesiais de Base – Raízes e perspectivas**. Um livro feito a mil mãos. Paulo Afonso/BA: Fonte Viva, ?.

<sup>9</sup> Entrevista concedida por Padre Luiz Rodrigues Oliveira, no dia 19 de Maio de 2009, na cidade de Conceição do Coité.

<sup>10</sup> Congregação Feminina fundada pelo padre João Martinho Moye no ano de 1762 em GAP, região situada no sudeste da França. As Irmãs chegaram ao Brasil em 28 de junho de 1904.

<sup>11</sup> Entrevista concedida por Marina Roseli Santos no dia 30 de agosto de 2011.

<sup>12</sup> Entrevista concedida por Marina Roseli Santos no dia 30 de agosto de 2011.

<sup>13</sup> Entrevista concedida por Maria Eliana em 19 de maio de 2012.

<sup>14</sup> Entrevista concedida por Marina Roseli Santos no dia 30 de agosto de 2011.

<sup>15</sup> Entrevista concedida por Maria Eliana em 19 de maio de 2012.

<sup>16</sup> Entrevista concedida por Marina Roseli Santos no dia 30 de agosto de 2011.

<sup>17</sup> Entrevista concedida por Maria Eliana em 19 de maio de 2012.

<sup>18</sup> LIBANEO. Jose Carlos. **Uma Teologia a partir da prática libertadora dos pobres**. IN: In: Revista História Viva. Edição Especial Temática n3. Temas Brasileiros. ISSN 1808-6446. São Paulo: Duetto Editorial, 2006. P 49.